



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JAIR SOARES DE ALMEIDA

**EXCELÊNCIAS E BENDITAS: RITUAIS FÚNEBRES E SEUS
LUGARES NAS RELIGIOSIDADES DO ESTADO DE
PERNAMBUCO NA DÉCADA DE 50 DO SÉCULO XX –
MORTE E VIDA SEVERINA DE JOÃO CABRAL DE MELO
NETO.**

LONDRINA
2012

JAIR SOARES DE ALMEIDA

EXCELÊNCIAS E BENDITAS: RITUAIS FÚNEBRES E SEUS LUGARES NAS RELIGIOSIDADES DO ESTADO DE PERNAMBUCO NA DÉCADA DE 50 DO SÉCULO XX – MORTE E VIDA SEVERINA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação Licenciatura em História, da Universidade Estadual de Londrina, como pré-requisito para conclusão de curso.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares.

Londrina
2012

JAIR SOARES DE ALMEIDA

EXCELÊNCIAS E BENDITAS: RITUAIS FÚNEBRES E SEUS LUGARES NAS RELIGIOSIDADES DO ESTADO DE PERNAMBUCO NA DÉCADA DE 50 DO SÉCULO XX – MORTE E VIDA SEVERINA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História
da Universidade Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares

Prof. Dr. Claudia Eliane Parreiras Marques
Martinez

Prof. Dr. Richard Gonçalves André

Londrina, 03 de dezembro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua paciência e disponibilidade.

Agradeço a minha mãe pelo incentivo e por sempre estar disponível, ademais, pelo amor incondicional dado a mim.

Aos professores do departamento de História; também agradeço a Celina e a Fumiko, pelo seu trabalho e dedicação, pois ambas são muito atenciosas além do fato de sempre fazerem o possível para esclarecer as dúvidas dos alunos.

Aos amigos: Eder, Elaine, Viviane e Taciana; pessoas especiais com quem convivi durante esses quatro anos e que me deram forças para continuar.

Gostaria de agradecer também a Fundação Araucária pela concessão da bolsa de iniciação científica, pois foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

ALMEIDA, Jair Soares. **Excelências e benditas: rituais fúnebres e seus lugares nas religiosidades do estado de Pernambuco na década de 50 do século XX – morte e vida severina de João Cabral de Melo Neto**. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

RESUMO

Este trabalho buscou localizar e analisar as excelências e benditas; a saber, cânticos fúnebres presentes em várias regiões do nordeste brasileiro e presentes também em algumas manifestações literárias. Em específico o presente estudo foca o estado de Pernambuco, a partir da análise do poema Morte e vida Severina de João Cabral de Melo Neto (1994); no qual o autor evidencia questões sociais e culturais como os ritos fúnebres analisados. Para atingir esses objetivos, foram necessários esforços multidisciplinares, reivindicando a colaboração dos estudos literários, da antropologia e dos estudos sobre os folclores para a consecução dos fins propostos. O trabalho buscou primeiro através da historiografia a construção de um estudo sobre a morte na Idade Média a fim de compreender as origens das religiosidades nordestinas herdeiras das tradições europeias. Em seguida analisou-se o poema Morte e Vida Severina e as orações fúnebres recolhidas pelos folcloristas a fim de propor algumas reflexões sobre o cotidiano e as relações que o povo nordestino estabelece com a morte.

PALAVRAS-CHAVE: morte; rituais fúnebres; excelências e benditas; religiosidade; João Cabral de Melo Neto.

ALMEIDA, Jair Soares. **Excelências and benediction: funeral rites and their places in the northeastern state of religiousness Pernambuco in the 50s of the twentieth century - severina death and life of João Cabral de Melo Neto.** 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ABSTRACT

This study aimed to locate and analyze excelências and blessed; namely, funeral songs present in various regions of northeast Brazil and also present in some literary manifestations. Specifically this study focuses on the state of Pernambuco from the analysis of the poem Death and Life of Severina João Cabral de Melo Neto, in which the author explains social and cultural issues as the funeral rites. To achieve these goals, it took multidisciplinary efforts, claiming the collaboration of literary studies, anthropology and folklore studies on to achieve the proposed goals. The work of historiography sought first through the construction of a study on the average age at death for reasons of investigations about the origins of religiosity Northeastern order to understand the relationships that men create with death. Then we analyzed the poem Morte e Vida Severina and funeral orations collected by folklorists to propose some reflections on daily life and the relationships that people Northeastern states with death.

KEYWORDS: death, funeral rites; excelências and blessed; religiosity; João Cabral de Melo Neto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 Tradições Fúnebres, uma breve contextualização	11
1.1 Das “origens” das tradições Fúnebres.....	11
1.2 Da transição do cemitério exterior à cidade para seu interior.....	12
1.3 Dos ritos que fogem a ortodoxia da Igreja.....	19
2 Morte e vida Severina: Orações fúnebres e seus significados em relação à transição da alma para a “outra vida”	22
2.1 Morte e vida o cotidiano dos muitos “severinos”.....	22
2.2 Excelências e benditas: ritos fúnebres e seus significados.....	25
2.3 Os ritos de acompanhamento e de ajudar a morrer.....	28
3 CONSIDERAÇÕES	35
4 GLOSSÁRIO	37
5 REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a morte em seus mais variados aspectos têm sido investigados por diferentes campos dos estudos históricos. A partir de Philippe Ariès, que empreendeu dois trabalhos neste sentido *A história da morte no Ocidente* (2003) e *o homem diante da morte* (1989), o tema tem sido recorrente pela historiografia não raro sendo necessários esforços multidisciplinares para a investigação deste objeto.

Dentro da tradição *annaliste* brasileira, o trabalho de João José Reis *A morte é uma festa* (1991), inaugurou essa temática apontando um novo caminho para a abordagem histórica da morte, reivindicando um escopo e um repertório documental que redundou em diversos outros trabalhos como as pesquisas do casal Egon e Frieda Wolf, também propulsores de pesquisas que tem a morte por objeto, embora seu trabalho tenha se estruturado a partir do estabelecimento de fontes de investigação, sobretudo os elementos da cultura material, mais precisamente a arquitetura tumular e a epigrafia lapidar.

Porém na investigação histórica acerca da morte, reconheceu-se que a historiografia assim como a teoria da história impunha uma abordagem mais dinamizada pelos contatos multidisciplinares, sobretudo a antropologia. Vista como um rito de passagem, a morte observada pela antropologia pôde ser considerada dentro das estruturas do cotidiano, com seus elementos mágicos e passou a ser entendida como a representação que os vivos estabelecem para compreender e aceitar a morte de outrem, mas também a sua própria.

Outro contato que se faz necessário é com os estudos literários. Histórias de morte de diferentes tipos têm sido abordadas pela literatura em suas diferentes tipologias formais: como romances, contos, crônicas, poesias. Herdeira de tradições ibéricas, que remontam aos contatos com árabes e judeus, a representação da morte abunda no nordeste brasileiro. Como é o caso do poema *Morte e vida Severina* (1994) do autor João Cabral de Melo Neto.

Dentre as construções textuais criadas a partir da morte temos as excelências e as benditas. Mas o que são elas? Ambas são formas poéticas, de

métrica variável, com 12 versos, no caso das excelenças entoadas junto aos pés do defunto e as benditas, as formas similares entoadas próximo à cabeça do morto.

Este cerimonial de velório, ainda é localizável na Paraíba, rio Grande do Norte e Pernambuco e possivelmente em outros estados, como o Maranhão. Seus doze versos são cantados sem acompanhamento instrumental, em uníssono. Conforme o autor Waldemar Valente na obra *folclore mágico do nordeste* (1979), Gonçalves Fernandes, afirma que: “As excelenças são cantadas ao pé do morto, enquanto os benditos são cantados à sua cabeça”. (VALENTE, 1979 p. 40).

Gonçalves Fernandes registrou as músicas das excelenças, mas Aluísio Alves apontou que não são unicamente cantadas aos doentes e aos defuntos, mas pertencem às rogativas contra o perigo da peste e tempestade. Neste sentido teriam também um caráter de proteção contra doenças, contra forças da natureza e também contra os assassinos e malfeitores. Getúlio César em sua obra *Crendices do Nordeste* (1975), escreveu que a entoação das excelenças tem a função de facilitar a entrada no céu.

Caso as cantadeiras estejam entoando as excelenças ou as benditas quando o féretro é levado ao local do sepultamento, elas devem acompanhar o defunto até o final do 12º verso, pois conforme percebeu Getúlio César,

Retirando-se o cadáver para o enterro, no momento em que estão cantando uma excelença, as cantadeiras acompanham o cortejo até terminá-lo, porque, dizem, quando se principia a cantar uma excelença, Nossa Senhora se ajoelha pra só se levantar quando terminam, e não sendo terminada, ela ficará de joelhos e o espírito, devido a esse desrespeito, não ganhará a salvação. (CÉSAR, 1975, p. 142).

As excelenças e as benditas começam no cerimonial de fazer quarto e se prolongam no acompanhamento do cortejo fúnebre até o cemitério. As cantadeiras são às vezes acompanhadas de carpideiras, isto é, mulheres especialmente contratadas e pagas para chorar o defunto. Na saída para o enterro cantam a excelença da despedida, que tem a função de preparar o morto para a partida.

As excelenças de acordo com Getúlio César tem o objetivo de preparar o defunto para conhecer o seu estado de morto que esta pisando no chão a caminho da sepultura e que sua condição daí por diante é permanecer aí até o dia

do Juízo. No cortejo de sepultamento as excelências vão sendo cantadas continuamente há todo um cuidado para que a reza não cesse, pois um ritual bem feito é o sinal de que a alma estará completamente afastada do mundo dos vivos. Após o sepultamento para garantir que a alma permaneça afastada deste imaginário faz-se novos rituais como missas de encomendações das almas do purgatório, velas são queimadas durante sete dias após a morte etc.

Também é preciso ressaltar a importância do artigo *rezas de defunto* (1968), de autoria de César Guerra Peixe, publicado na Revista Brasileira de Folclore que assim como a produção dos folcloristas citados foi produzida no momento em que as políticas públicas passaram a pensar na questão do patrimônio imaterial. O objetivo da revista era reunir a produção intelectual brasileira, especialmente às manifestações populares. O acervo está disponível na biblioteca Amadeu Amaral e a forma eletrônica (Internet), abrange todo o seu período de circulação. São 41 fascículos contendo artigos, resenhas, bibliografias. O periódico adquiriu prestígio internacional recebendo pedidos de exemplares vindos de todo o País e do exterior. Foi produzida com o patrocínio da Caixa Econômica Federal – no projeto: Programa Caixa de Adoção de Entidades Culturais, do Ministério da Cultura e de órgãos como o IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

A importância desses estudos deve-se ao fato de ter registrado aspectos da cultura popular brasileira, pois trata de temas que talvez se não fossem registrados se perderiam com o tempo; como é o caso das orações fúnebres analisadas, pois foram recolhidas pelos folcloristas neste momento histórico.

Guerra Peixe descreve como foi realizado o seu trabalho, atentando para as especificidades da coleta das informações por ele descritas; ainda justifica que: “todos os informantes aprenderam a cantar estes hinos religiosos na própria cidade de Caruaru, ou pelo menos sentiram a influência local”. Quanto à ortografia, o autor afirma que “houve o cuidado de ajustá-la ao pronunciado tanto quanto possível, observando que não um só informante dizia o mesmo vocábulo de duas ou três maneiras”. (GUERRA PEIXE, 1968, p. 235). Ainda no final do trabalho para dar legitimidade à sua pesquisa, o autor referencia o nome e a idade das pessoas entrevistadas.

A partir do estudo das orações coletadas pelos folcloristas mencionados: o primeiro capítulo desse trabalho busca a partir de uma análise

contextual histórica, investigar a inserção das orações dos moribundos e dos defuntos dentro das tradições fúnebres europeias da Idade Média, como também compreender os aspectos tradicionais e os de ruptura dessa manifestação. No segundo capítulo, buscou-se realizar o estudo do poema *Morte e vida Severina*, para entender o cotidiano dos sertanejos e investigar nos versos de diferentes excelências e benditas, aspectos da religiosidade dos sertanejos do estado de Pernambuco como também detectar as continuidades e as rupturas presentes nesta tradição fúnebre.

Como se trata de uma linguagem local “popular”, no final do trabalho há um Glossário cujo objetivo é deixar claras algumas palavras que possam ser consideradas de difícil entendimento.

Por fim ressaltei algumas questões consideradas importantes no trabalho, como também foram levantadas algumas questões que podem gerar futuros debates e ou outras pesquisas de cunho acadêmico.

1 – Tradições fúnebres, uma breve contextualização.

1.1 Das “origens” das tradições fúnebres

Para compreender as tradições fúnebres é necessário analisar suas “origens” e significados, o autor Waldemar Valente na obra *Folclore Brasileiro Pernambuco* (1979), afirma que a formação folclórica de uma região é algo de difícil abrangência, pois sua identidade se dá a partir de longos processos de aculturação como é o caso de Pernambuco cuja Identidade cultural se deu a partir do contato entre o índio, o africano e o europeu. Conforme este mesmo autor,

Três grandes e poderosos componentes culturais participaram essencialmente da formação do folclore pernambucano: o índio, primitivo dono da terra, o afro-negro, no Brasil chegando na qualidade de escravo, e o europeu representado principalmente pelos portugueses. Os vários ingredientes culturais, contidos nestes três contingentes misturaram-se em proporções diversas, às vezes composições complexas e de difícil identificação. Em certos casos, formando simbioses nas quais não é fácil reconhecer etiologias, mas apenas registrar manifestações folclóricas que se tornaram brasileiras. Manifestações cujas origens se perderam no tempo guardando formas adaptadas às contingências do meio físico e cultural do Estado de Pernambuco em particular do nordeste em geral. Diversas dessas manifestações folclóricas não se podem conter dentro dos limites geográficos pernambucanos, estendendo-se aos estados próximos e tornando-se nordestinas. Tal fenômeno é uma consequência da influência que a cultura pernambucana exerceu sobre o quadro cultural do nordeste. (VALENTE, 1979, p. 09).

Os ritos fúnebres analisados neste trabalho pertencem a uma literatura oral que: “manifesta-se através da palavra falada em seus diversos assuntos e formas, utilizando o conto não só na maneira de apresentar-se entre povos selvagens, como entre povos civilizados, nas camadas rústicas, em meio sócio culturalmente “baixo””. (VALENTE, 1979, p.17).

O autor afirma que a colonização portuguesa trouxe consigo práticas que criaram um sistema ideológico envolvendo as pessoas nos cultos aos santos patronos cuja credence popular os tornou os responsáveis por coisas cotidianas que

vão desde o intermédio de nossa senhora do bom parto durante o nascimento até o ato de morrer pela intercessão de nossa senhora da boa morte.

O objetivo desse capítulo é analisar a inserção das orações dos moribundos e dos defuntos dentro das tradições fúnebres europeias da Idade Média, para estabelecer uma contextualização histórica acerca dos ritos fúnebres medievais, visando compreender as origens dos rituais de preparação do corpo para a “outra vida”, como também, investigar as origens dos rituais fúnebres no Brasil herdados da tradição medievo-cristã.

Se faz imprescindível esse recuo à idade Média para que seja possível compreender como as relações do homem com a morte se moldaram ao longo do processo histórico tendo em vista que as transformações ocorridas nas sociedades acarretaram diferentes significados para a morte.

Deste modo, foram analisadas algumas obras literárias e históricas concernentes ao tema para que ao longo deste capítulo pudesse desenvolver de maneira especial uma compreensão de como os rituais fúnebres cristãos surgiram e como o homem tem se comportado diante deste grande enigma que é a morte. Pretendo buscar nas origens europeias as continuidades e rupturas das tradições fúnebres para poder problematizar no segundo capítulo os rituais fúnebres do nordeste que tem suas origens nesta tradição.

1.2 Da transição do cemitério exterior à cidade para seu interior

Em seu livro: *História da Morte no Ocidente* (2003), o autor Philippe, Ariès afirma que no mundo antigo havia uma separação entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Segundo ele, um dos objetivos dos rituais fúnebres era impedir que após a morte as almas transitassem entre os dois mundos. Ariès parte do exemplo de Roma, tomando como referência a leis das Doze Tábuas, que proibia o enterro *in urbe*, no interior da cidade. Segundo ele, a construção dos cemitérios intramuros no período medieval, deve-se não apenas ao cristianismo, mas também ao culto dos mártires de origem africana, pois a transição do cemitério ocorreu no momento em que os mortos que antes eram enterrados fora da cidade passam a adentar a mesma. Como ele exemplifica:

Esta associação começou nos cemitérios extra-urbanos, onde foram colocados os primeiros mártires. Com base na crença do santo, foi construída uma basílica, cujas funções eram exercidas por monges, e em torno da qual os cristãos queriam ser enterrados. (ARIÈS, 2003, p. 38).

A partir da realização dos sepultamentos nos arredores e no interior das igrejas, o período medieval marca uma nova maneira dos homens se relacionarem com a morte, uma vez que novos símbolos foram criados para dar significados aos rituais de preparação do corpo desde os momentos em que o indivíduo se encontra moribundo até a hora do falecimento e da sepultura.

Além dos novos símbolos a cidade também ganhou novas características, pois o cemitério passou a fazer parte do espaço urbano e a igreja que antes era o local de realização das missas passou a ganhar um novo significado com o cemitério agregado ao seu espaço físico; passou a cuidar tanto dos vivos quanto dos mortos. Antes a função dos clérigos em relação aos moribundos era a de realizar as confissões e aspergir água benta na unção do féretro. Conforme Ariès:

Pode-se então imaginar o cemitério tal como existia na Idade Média e ainda nos séculos XVI e XVII, até a Idade das Luzes. Ele ainda é constituído do pátio retangular da Igreja, cuja parede ocupa geralmente um de seus quatro lados. Os outros três são geralmente guarnecidos de arcada ou de carneiros. Acima dessas galerias ficam os ossários, onde crânios e membros são dispostos com arte – a busca de efeitos decorativos com ossos resultará em pleno século XVIII, na criação barroca e macabra de imagens que se pode ver ainda, em Roma, por exemplo, na Igreja dos capuchinhos ou na Igreja della Orazione e della morte, atrás do palácio Farnese: lustres e enfeites surpreendentemente fabricados com pequenos ossos. (ARIÈS, 2003, p. 41).

O cemitério agregado a Igreja passou a compor um novo cenário na estrutura do templo religioso, as sepulturas eram tanto internas quanto externas. No interior os corpos eram sepultados em “covas” que ocupavam todo o templo, sendo que à medida que o féretro fosse depositado mais próximo do altar mais próxima à alma estaria do céu, porque pela crença o altar era o local mais sagrado da igreja e neste caso ter os restos mortais depositados embaixo ou próximo dele é a garantia de estar um passo a frente para o reino do céu.

De acordo com Ariès, as pessoas de mais posses eram enterradas no interior da Igreja e à medida que detinham mais prestígio poderiam estar mais próximas do altar. Já as pessoas menos abastadas tinham seus restos mortais depositados em “poços” que eram grandes fossas largas com vários metros de profundidade. Embora os mortos tenham deixado de estarem separados do mundo dos vivos, os sepultamentos nas igrejas não garantiam uma proximidade particular dos parentes com o túmulo uma vez que as sepulturas coletivas não possibilitavam a visita de um parente que era algo desconhecido.

A mentalidade cristã foi o fator fundamental para que o cemitério passasse a integrar a Igreja, a ideia de uma vida após a morte e o juízo final foram fatores imprescindíveis para a consolidação das igrejas-cemitérios, as pessoas queriam estar próximas aos santos mártires e em consequência disso obter a salvação. Como podemos notar nas palavras de Ariès,

O espetáculo dos mortos, cujos ossos afloravam a superfície dos cemitérios, como o crânio de Hamlet, não impressionava mais os vivos que a ideia de sua própria morte. Estavam tão familiarizados com os mortos quanto com sua própria morte. (ARIÈS, 2003, p. 45).

Para o autor esta é a primeira conclusão na qual temos que nos deter; o universo dos mortos passou a fazer parte do mundo dos vivos, e as pessoas passaram a viver esse universo mental, no qual o mais importante era obter a garantia da salvação, pois: “acreditava-se em uma vida além da morte que não ia necessariamente até a eternidade infinita, mas que promoveria uma conexão entre a morte e o final dos tempos”. (ARIÈS, 2003, p. 49).

Após esta breve abordagem acerca da transição do cemitério para o interior da Igreja e seus arredores, é importante verificar quais mudanças ocorreram nas mentalidades das pessoas em relação à morte, como já dito a mentalidade predominante é a cristã, na qual os homens do medievo esperavam obter a “salvação”; se não, estar mais próximo dela devido à localização de sua sepultura.

Em outro estudo intitulado *O Homem diante da Morte* (1989), Áries traça um panorama acerca dos comportamentos adotados no período medieval enfatizando as principais questões referentes à preparação do féretro, os rituais fúnebres e a maneira que o próprio moribundo lidava com a própria morte.

Ao tratar dos comportamentos do homem ante a morte Ariès, observou em seu estudo que a crença de que a morte avisa quando vai chegar sobreviveu por muito tempo nas mentalidades populares. Acreditava-se na aparição dos mortos como aviso de morte. Segundo ele não é a crença de todos, é a crença do povo,

Os mortos estão sempre presentes entre os vivos, em certos lugares e a certos momentos. Mas a sua presença só é sensível aos que vão morrer. (...) Naquela época era incerta a fronteira entre o natural e o sobrenatural. Nem por isso é menos notável que na Idade Média, os sinais mais frequentes invocados para anunciar uma morte próxima fossem sinais que hoje consideramos naturais: constatação banal, perceptível pelos sentidos, fatos comuns e familiares da vida cotidiana. (ARIÈS, 1989, p. 08).

Embora não houvesse a separação entre o natural e o sobrenatural é importante ressaltar que a imagem do cristo ressuscitado leva as pessoas a entenderem que a morte física é o caminho para a vida eterna; assim, a imagem do cristo ressuscitado é nas palavras do autor um triunfo sobre a morte, por esta razão, as pessoas encaravam a morte como um renascimento.

Outra questão fundamental é o fato da igreja angariar altas quantias uma vez que a preparação do cadáver, a missa de corpo presente, sétimo dia e demais pompas fúnebres custava para o falecido altas quantias. Nota-se que à medida que o indivíduo detém posses, mais próximo está de obter a salvação; já a camada social menos abastada tem seus restos mortais depositados nas grandes valas e carneiras nos arredores das igrejas. Neste caso, o espaço que constituía o cemitério era o pátio da igreja. Conforme Ariès:

As sepulturas eram gratuitas nos cemitérios, os ricos queriam se distinguir fazendo-se inumar nas igrejas, concederam lhes essa regalia graças as suas orações e as suas liberdades, e finalmente exigiram-se essas liberdades como devidas. A graduação das tarifas dos cemitérios para a igreja marca nitidamente que entre uma e outra só havia diferença de honraria. (ARIÈS, 1989, p 55).

Como pode ser visto a “classe econômica” ditava o local da sepultura. Em relação às valas. Ariès afirma que:

Finalmente essas grandes valas de que os textos falam principalmente a respeito de epidemias já não eram reservadas a tempo de grande mortalidade, tornaram-se desde o século XVIII a forma habitual de sepultura dos pobres e dos defuntos de condição modesta. (ARIÈS, 1989, p. 55).

Mesmo com os corpos amontoados nessas sepulturas é importante salientar que devido aos grandes períodos de mortandade como a peste negra e outras epidemias. No século XIII e XIV, as carneiras, assim como as sepulturas realizadas no interior das igrejas enchiam muito rapidamente. Neste caso houve a necessidade de se retirar os ossos e amontoá-los nos arredores da igreja, e em muitas ocasiões esses ossos e crânios passaram a fazer parte da decoração interna do templo.

O grande número de sepultamentos realizados neste período colocou um problema, as pessoas antes sepultadas no interior da igreja, passaram a ter seus restos mortais revolvidos para dar lugar aos novos enterros. Assim o desejo de manter seus restos mortais depositados até o dia do juízo final não era mais possível, cabendo à igreja a função de manter os ossos desses indivíduos em seu interior.

Outra questão colocada por Ariès na obra *O Homem diante da Morte* (1989), é o desejo de sepultura próximo a familiares, esse sentimento revela uma mudança, pois não há mais o desejo de ser sepultado em determinada igreja devido ao mártir. A igreja apenas substituiu o santo. Escolhe-se a igreja como anteriormente se escolhia o santo. “A diferença é grande para a história do sentimento religioso; é bem pequena para a história do sentimento da morte”. (ARIÈS, 1989, p. 77).

Esse sentimento fez com que o moribundo manifestasse o desejo de sepultura, em testamento no qual ditava o local desejado por ele. Como vemos no texto de Ariès:

E, no entanto o direito reconhece muito bem a cada um a liberdade de escolher o local de sua sepultura. Alguma incerteza, porém, pesava sobre o caso da mulher casada. Segundo o decreto de Gratien, “a mulher deve seguir o marido na vida e na morte”. Pelo contrario, segundo um decreto de Urbano II: a morte emancipa a mulher do marido.

Surgiu a questão de saber o que adviria do defunto quando não pudera expressar sua vontade. O direito prescreve então que seja inumada ao lado dos pais (*in majorum suorum sepulcris jacet*) no caso sempre significativo da mulher casada, esta seria enterrada

com o marido ou no lugar por ele designado ou ainda perto dos próprios ancestrais. (ARIÈS, 1989, p. 78).

Como visto acima, devido ao grande número de mortes e com os cemitérios saturados, o desejo de sepultura individualizada passou a fazer parte da realidade do moribundo, pois havia o receio de não ser mais sepultado no local por ele desejado. Neste caso, o testamento passou a ser o que assegurava que seus desejos fossem realizados; nele o moribundo escolhia sua sepultura, as instituições das missas e os serviços religiosos, além de expressar como deveriam ser distribuídos seus bens.

Ocorreram mudanças significativas no que diz respeito às relações estabelecidas com a morte ao longo do período medieval, ao abordar a história da morte no ocidente sob o olhar do estudioso Philippe Ariès, é preciso nos ater para as especificidades da Europa, pois cada região tinha suas particularidades em relação à preparação das pompas fúnebres. Para compreendermos essas particularidades o antropólogo Franz Boas, em sua obra *Antropologia Cultural* (2004), nos dá a fundamentação teórica que possibilita analisar culturalmente, relativizando as práticas dos diversos grupos sociais. Segundo ele, o conceito relativista de cultura é o fator explicativo das diversidades. Como podemos notar em suas palavras:

É verdade que as culturas humanas e os tipos raciais são tão distribuídos, que toda área tem seu próprio tipo e sua própria cultura; mas isso não prova que um determine a forma da outra (...) Pelo contrário, todas as grandes raças são tão variáveis e as características funcionais das linhagens hereditárias que as compõem tão diversas que se podem encontrar linhagens semelhantes em todas as raças, particularmente em todas as divisões e os tipos locais estreitamente localizados da mesma raça. (BOAS, 2004, p. 60).

Tendo em vista a diversidade cultural, retomo a discussão para as práticas fúnebres, pois cada região da Europa tinha uma maneira particular no que diz respeito a seus signos e modos de lidar com os mortos. Além das pompas realizadas pela liturgia da igreja romana tais como: o ato de aspergir água benta no moribundo, a confissão, a missa de corpo presente, sétimo dia e demais ritos, o cortejo ganhou novos significados passando a receber novos elementos que passaram a figurar nos velórios. Conforme Ariès,

Na realidade, o cortejo absorveu ainda outra função importante dos funerais: a do luto, antes garantida pelas manifestações, espontâneas, ou aparentemente espontâneas, dos familiares. Mais gritos mais gestos, mais lamurias – e isso na época das Pietá, dos sepultamentos, da Marias Madalenas, das virgens caindo desmaiadas! Pelo menos nas cidades e exceto talvez ao sul, no mediterrâneo; no entanto, mesmo na Espanha as carpideiras tomaram o lugar da família e dos amigos e sabe-se que seu pranto não é autêntico. (ARIÈS, 2003, p. 128).

Dessa maneira é possível perceber as diferentes manifestações fúnebres. Na França, por exemplo, o preto mais ao final da idade média passou a fazer parte do luto, simbolizando a tristeza. De acordo com Ariès, o preto tem dois sentidos: primeiro, o caráter sombrio da morte que se desenvolve com a iconografia macabra; segundo, o fato de não haver espaço para gritos e lamurias. A Espanha e Portugal introduziram as carpideiras, pessoas pagas para chorar o defunto. E de forma geral a Igreja católica romana ditava as regras. Segundo o historiador e antropólogo Michel de Certeau:

É verdade que a cultura está mais do que nunca, nas mãos do poder, o meio de instalar hoje como no passado oculto sob um “sentido do homem” uma razão de Estado. Mas a cultura no singular tornou-se uma mistificação política mais do que isso ela é mortífera: ameaça a própria criatividade. Sem dúvida é atualmente um problema novo encontrar-se diante da hipótese de uma pluralidade de culturas, isto é sistemas de referências e de significados heterogêneos entre si. (DE CERTEAU, 1974, p. 142).

Para compreender melhor a relação entre o moribundo e a igreja, é preciso estarmos atentos ao fato de um depender do outro, o primeiro via na igreja a salvação, o segundo obtinha lucros com as práticas e ritos por eles realizados. O testamento garantiu lucros à igreja, pois ao testar o moribundo deixava altas quantias para a realização de suas exéquias, a ponto de a igreja se recusar a inumar e realizar as pompas de quem morresse sem testar. De acordo com Ariès: “Reciprocamente a Igreja, por obrigação do testamento, controla a reconciliação do pecador e toma da sua herança um dízimo da morte, que alimenta ao mesmo tempo sua riqueza material e tesouro espiritual”. (ARIÈS, 1989, p 201).

A relação estabelecida entre o testador e a igreja, colocava parte do patrimônio da família nas mãos do clero, assim, as pessoas que não detinham muitas posses doavam o pouco que tinham a fim de obter a salvação.

1.3 Dos ritos que fogem a ortodoxia da igreja

Até o momento foram realizadas algumas considerações em relação à morte a partir da relação “imposta” pela Igreja enquanto instituição que ditava as “mentalidades” do período.

Como já mencionado, as práticas não eram iguais em toda a Europa, e também não englobavam todas as camadas sociais; desse ponto de vista é interessante observar como ocorriam os ritos fúnebres realizados fora à ortodoxia da igreja católica, não que esses rituais sejam totalmente pagãos, mas fazem parte de um catolicismo popular; outra forma de religiosidade e de identificação das pessoas com o mundo em que vivem.

Característica dessa religiosidade é a preparação das exéquias por pessoas não autorizadas pela Igreja, mas que acompanhavam o cortejo fúnebre desde o ritual de fazer quarto até a hora da sepultura entre as várias pessoas destacavam-se as carpideiras, pessoas contratadas para chorar o velório mesmo seu pranto não sendo autêntico, mas que dava todo um significado para as honrarias fúnebres. Ainda há o caso das pessoas que não tinham condições alguma de angariar os custos de sua inumação. Neste caso as confrarias realizaram um dispendioso papel.

Nas palavras de Ariès,

As confrarias, criadas para praticar todas as obras de caridade, vieram a considerar nos séculos XV e XVI, a assistência às exéquias, como uma de suas funções. (...) Assim graças às confrarias o enterro do pobre não mais escapavam as honras da igreja, que havia solenizado o dos ricos. (ARIÈS, 2003, p. 132).

Dessa forma, criou-se todo um ritual “pagão”, em relação à preparação e encomendação das almas. As orações e a inumação antes realizadas pelo líder religioso passaram a serem realizadas por novos indivíduos que não tinham uma formação letrada pela Igreja, essas práticas do catolicismo popular evidenciam características dos ritos funerários que fugiam a ortodoxia da igreja.

As práticas desse catolicismo popular tiveram suas origens no Brasil durante o processo de colonização e criou todo um ritual de culto em relação à figura dos santos patronos. O autor Waldemar Valente, em seu estudo sobre o *folclore*

brasileiro Pernambuco, nos assegura que a credence popular, tornou os santos os verdadeiros responsáveis pelas coisas cotidianas, como é o caso do santo Antônio que ao não atender um pedido era ridicularizado. Ainda segundo ele a devoção pelos santos é tão arraigada que as pessoas levavam seus pedidos anotados para a igreja, os pedidos eram diversos como: emprego, namorado, passar em um exame. Em relação às práticas fúnebres este mesmo autor afirma que:

Prática do catolicismo popular relativamente frequente em Pernambuco, no interior de modo especial é a das incelências. As incelências, também chamadas de excelências ou incelênças. São cantos entoados a cabeceira do moribundo ou dos mortos. Uma espécie de ritual de velório, com benditos e as frases apenas rimadas. São práticas que escapam da ortodoxia cristã, ainda usadas com frequência em Pernambuco. (VALENTE, 1979, p 40).

A figura dos santos foi tão importante que em muitos casos eles passaram a ser invocados nas curas de doenças: Santa Luzia protetora dos olhos, Nossa senhora do Bom Parto, ajudava na gestação e no parto, entre outros.

No medievo a crença no mártir trouxe os cemitérios para o interior da cidade, no Brasil colonizado, os santos mártires passaram a integrar o universo dos vivos, prova disso são as práticas do catolicismo popular, revelador de uma cultura medicinal que delegava a eles um caráter mágico religioso, tais como o uso de ervas medicinal, os benzimentos, além dos ritos fúnebres.

No caso da obtenção de curas as pessoas levavam como pagamento da promessa os ex-votos, que são objetos de madeira ou de cera, tais como: pernas braços, cabeça, que nas igrejas ficavam expostos na sala dos milagres.

Em relação à morte, a preparação do corpo para o velório foi uma das funções mais importantes do ritual de fazer quarto, a idade média foi marcada por essa iconografia que colocava o morto diante dos olhos dos vivos, num primeiro momento exposto nas valas do cemitério, posteriormente os ossos expostos na igreja revelam a não separação entre o sagrado e o profano.

As orações sejam as realizadas pelo cônego ou pelas pessoas leigas tinham a função de amenizar a espera pelo juízo. Neste sentido o segundo capítulo desse trabalho busca analisar os versos das orações fúnebres realizadas no

Brasil, a fim de verificar as continuidades e rupturas de crenças que há entre o medievo e o nosso catolicismo popular herdeiro desta tradição.

2 – Morte e vida Severina: excelências e benditas. Orações fúnebres e seus significados em relação à transição da alma para a “outra vida”.

2.1 Morte e vida o cotidiano dos muitos “severinos”

Para compreender os significados dos rituais fúnebres analisados neste capítulo, é necessário uma abordagem acerca do contexto em que vive o homem nordestino da década de cinquenta do século XX. Pensar no universo mental do sertanejo é primordial para que entendamos os significados que os rituais de preparação para a outra vida têm para as sociedades que os praticam.

Neste sentido, o poema *morte e vida Severina* (1994) de João Cabral de Melo Neto apresenta os elementos necessários para que possamos visualizar aspectos do modo de vida da sociedade daquele momento histórico. Nele, o autor demonstra as características cotidianas do povo nordestino; também é evidenciado o sentimento coletivo e as condições difíceis que o mesmo enfrenta devido às secas.

Em seu texto *A representação social em morte e vida Severina* (2011), a autora Célia Marcia Pereira, faz uma análise da obra atentando para seu contexto social e de produção, segundo ela a poesia de João Cabral de Melo Neto revela uma identidade regional, pois a linguagem utilizada reflete a própria paisagem e o modo de falar deste povo; o poema é escrito em forma de versos e sua produção ocorre no momento em que há uma valorização da nação assim, as características modernistas adotadas pela arte brasileira no pós 1.922, estão intrínsecas na produção literária do autor.

Conforme Pereira:

É necessário compreender a obra literária em sua significação própria e julgá-la no plano estético, defende Lucien Goldmann (1979), pois literatura é expressão de visão de mundo não são fatos individuais, mas sim fatos sociais. Para o crítico o que julgamos é um universo de seres e coisas criado pelo escritor e "o escritor é um homem que encontra uma forma adequada para expressar esse universo" (p.75). O crítico aponta que a obra literária se explica por si mesma: "quanto mais à obra é importante, mais vive e se compreende por si mesma e mais pode ser explicada diretamente pelo pensamento das diferentes classes sociais" (p.77). Para Goldmann (1979), o estudo da bibliografia do autor também pode

conter explicações sobre o conteúdo da obra, mas que é somente um fator parcial ou secundário (p.73 - 74), sendo importante para ele, o estudo de vários contextos da obra. (PEREIRA, 2011, p. 17).

Em outro estudo intitulado *Caminhos do Imaginário no Brasil* (1993), a autora Marlyse Mayer afirma que:

Os personagens não são muitos, nem são individualizados, antes definem-se pelas tarefas e situações: quase todos “severinos” até mesmo aqueles que lembram os personagens fixos do pastoril. Compõem um micro-cosmo da região. (...) O motor da ação dramática inicia-se no prólogo: deixar a terra de origem e guiado pelo rio- estrela, alcançar o mar, na esperança de “aumentar a curta braça de vida”. (...) a morte é tema, personagem, peripécia e elemento estruturador desse auto da Natividade. (...) A progressão dramática que marca a viagem é do ponto de vista do herói. (...) é precisamente o jogo da redundância e da tensão que dinamiza o texto e confere a aura de tragédia. (MEYER, 1993. P. 1111- 112).

O poema foi premiado no festival de Nancy na França e conforme Meyer em uma entrevista à vida Literária e Artística, Lisboa, 16 de junho de 1.966, dada na época do premio, o autor esclarece sua posição:

Quando eu era menino, os trabalhadores do engenho de meu pai vinham me chamar: “vamos à feira, diz que saiu um romance novo”. E a noite, era eu quem lia para eles (...) essas leituras devem ter influenciado o meu auto; o conjunto de minha poesia é mais simples que a poesia popular, sem rimas; minhas estrofes são mais curtas, porque não quero distrair o “leitor”. Mas em se tratando de uma obra que pretende contar o povo e se contar para o povo, eu devia utilizar a forma mais adequada, que é o metro popular do “romanceiro”, sempre vivo. É a nossa sorte: nós artistas de tradição ibérica, podemos recorrer a essa mistura de popular e erudito, que vem das fontes. Os maiores poetas utilizaram indiferentemente os dois gêneros de metros [veja-se Gôngora ou Camões], e isto é ainda mais patente no teatro de Gil Vicente e Lope de Ruenda a Lope de Calderon [...] Esta tradição que tem sempre extraordinária vitalidade deve certamente ajudar todos aqueles que querem criar um teatro ao mesmo tempo moderno e popular [...]. (MEYER, 1993, p. 110).

Com base na entrevista do autor é perceptível à influência de sua vivência na escrita do auto. Ao escrever o poema, Melo Neto apresenta registros do tempo histórico dando voz ao personagem Severino que traz a luz uma coletividade “marginalizada” pelas elites locais, e que pelas analogias do autor é excluída em outros tempos históricos. Faz-se importante ressaltar que o autor não é um homem

comum; trata-se de um indivíduo letrado que fala do “povo”. De acordo com Pereira, sua escrita revela os conflitos políticos da época tais como questão da morte, das condições de vida, a ausência de reforma agrária no país e revela aspectos da cultura nordestina ao referenciar as práticas fúnebres presentes na obra. Como afirma esta autora,

ficar atento aos vários contextos de uma obra é garantir uma interpretação inteligente do texto literário, porque é na construção deste que podemos enxergar o fato social, o que engrandece o fato histórico e quando o fato social está expresso nas entrelinhas. (PEREIRA, 2011 p. 17).

Ainda segundo esta mesma autora é interessante ressaltar que o herói nesta abordagem é o próprio Severino por meio do qual Melo Neto aponta o heroísmo de se viver uma vida tão difícil e ainda assim manter a esperança. Conforme o poema demonstra morte e vida são severinas.

- Nunca esperei muita coisa,
digo a Vossas Senhorias.
o que me fez retirar
não foi a grande cobiça;
o que apenas busquei
foi defender minha vida
de tal velhisse que chega
antes de se inteirar trinta;
se na serra vivi vinti,
o que pensei retirando,
foi estendê-la um pouco ainda. (MELO NETO, 1994, p. 44 - 45).

Neste trecho é possível identificar aspectos das condições de vida deste povo sertanejo, sendo possível compreender os motivos pelos quais Severino retirante deixou a região da Serra da Costela¹ onde vivia para tomar como rota o rio Capibaribe em sua fuga para o Recife.

Ao retirar-se para fugir da morte o personagem só se depara com a mesma, pois esta assim como a seca o persegue em sua retirada uma vez que o rio cessa durante os períodos de estiagem.

De acordo com Ribeiro, a partir da análise do poema, é possível verificar um Brasil desigual no qual a falta de políticas públicas, de uma reforma agrária, a seca e outros fatores como a herança colonial dão sustentáculo para esta

¹ A Serra da Costela localiza-se nos limites entre Pernambuco e a Paraíba.

vida “sofrida”. Esta mesma autora ainda salienta em seu estudo acerca do poema que este momento coincide com o período de industrialização do Brasil no qual as migrações eram constantes não apenas dentro do estado, mas também para outras regiões do País como é o caso do estado de São Paulo que após a década de 1950, recebeu grande contingente de nordestinos.

2.2 Excelências e benditas: ritos fúnebres e seus significados.

Para compreender as práticas fúnebres é necessário uma compreensão acerca dos significados que os rituais de preparação do corpo possui para as sociedades que os praticam. Em seu livro *A morte é uma festa* (1991), o historiador João José Reis afirma que:

São exemplos de ritos de preparação a lavagem e o transporte do cadáver, a queima de objetos pessoais do morto, cerimônias de purificação, de sepultamento, rituais periódicos de expulsão do espírito do morto da casa, da vila, enfim do meio dos vivos, o luto e tabus em geral. (REIS, 1991, p. 89).

Conforme mencionado por Ribeiro e Meyer o poema revela além dos aspectos sociais, a cultural nordestina. Neste sentido, João Cabral de Melo Neto ao tratar da morte e da vida possibilita a compreensão do universo dos tantos “severinos” que viam morte e vida de forma indissociável.

Em sua jornada, Severino encontra dois homens carregando um defunto numa rede; procura saber do que se trata; tratava-se de um Severino que morreu numa emboscada; este trecho do poema revela o contexto de violência que o povo sertanejo enfrentava.

- E foi morrida essa morte,
irmão das almas,
esta morte foi matada,
Numa emboscada.
(...)
e com o que foi que o mataram,
com faca ou bala
-Este foi morto de bala. (MELO NETO, 1994, p. 115).

De acordo com Meyer trata-se da Morte-emboscada; e a jornada dos que o carregavam havia se iniciado na caatinga², através dos gritos de ó irmão das almas, irmão das almas. A morte emboscada na análise de Ribeiro acerca do poema evidencia o contexto daquela sociedade em que a morte ocorria de várias formas. Neste caso, o indivíduo foi assassinado por ter uns hectares de terra que cultivava.

Segundo o autor César Guerra peixe, durante a sentinela as pessoas eram convocadas a participarem da cerimônia fúnebre e o rezador (a) entoava os versos que eram repetidos pelas demais pessoas que acompanhavam o velório. Nas palavras deste mesmo autor:

Avisados os parentes e amigos, as sentinelas vão se chegando e tomando seus lugares; passam alguns momentos em volta do morto; depois vão cumprimentar a sua família; e por fim voltam à sala para cantarem ou apenas fazerem quarto. Não é somente por "caridade" que acorrem pessoas para rezar ou fazer sala mas, sim, porque a cantoria é sugestiva e emocionante quando em seu momento funcional, o que dá prazer a todos. Apesar disso, muito rezadô ou rezadêra que atua como líder exerce uma atividade senão exatamente profissional, pelo menos quase, o que não elimina o seu sentimento de "caridade". (GUERRA PEIXE, 1968, p. 241).

Dessa forma a partir da entoação das excelências as pessoas vão sendo convocadas a participarem da realização do funeral, que ocorre na casa do moribundo e durante a noite são cantadas várias excelências e benditas pelas cantadeiras e carpideiras, que eram pessoas contratadas para chorar no velório.

Em regra a Reza-de-Defunto é puxada ou tirada - isto - é, conduzida a solo por um líder chamado *rezadô*, *rezadêro*, ou *rezadêra* (2) e respondida pelo grupo de sentinelas, homens e mulheres que fazem sala rezando e cantando geralmente a duas vozes, ou seja, em terças paralelas. Na reza em que o rezadô ou rezadêra não tem oportunidade como solista, porque o canto é inteiramente coral, portanto, sem interrupção, diz-se que a reza é direta ou o canto é direto. De qualquer modo, cabe ao líder do grupo conduzir a reza. em princípio a reza de conteúdo mais dramático ou de maior sentido religioso é entoada sem solista. Reza assim é a que qualificam de puxada ou forte.

Alguns populares diziam que Reza-de-Defunto é cantada somente para pecador ou pecador ou pecadora ou seja, o que tinha mais de sete anos ao falecer. Outros, que para anjo, anjinho, anjinha ou

² Região semi-árida, composta de plantas de galhos retorcidos, clima seco, solo pedregoso, rios temporários.

anjim, o menor de sete anos, batizado ou não, não se cantava. Mas outros afirmavam que para anjo também se canta, e apenas as rezas são outras. (GUERRA PEIXE, 1968, p. 236).

Esta tradição de se incluir pessoas exteriores à família no ato solene de acordo com Philippe Áries vem do período medievo-cristão, no qual as mudanças de representação da morte possibilitaram a inclusão destes elementos na cerimônia fúnebre; a imagem da morte que antes era a descida ao túmulo, passou a ser a partir do século XIII e permaneceu até o século XVIII, uma procissão de padres, monges, indigentes mendicantes e outros como as carpideiras que, por exemplo, na Espanha, tomaram o lugar da família e dos amigos do falecido, mesmo seu pranto não sendo autêntico.

No poema esta prática de ritual fúnebre caracteriza-se pela religiosidade que o elemento nordestino desenvolveu ao longo do período colonial, uma vez que as práticas religiosas se deram sob a simbiose entre as culturas européias, africanas e indígenas. Portanto, as práticas de representação da morte na religiosidade nordestina são revestidas de toda uma crença popular, fugindo à ortodoxia católica, pois as excelências e as benditas não fazem parte do ritual imposto pela igreja.

No poema, fica claro o papel desempenhado pelas carpideiras no ritual fúnebre local, esta cerimônia laica de encomendação das almas era tida como uma forma de subsistência, onde a morte era tanta nas palavras de Meyer trata-se da morte encarada como morte-velório morte-negócio.

Mas diga-me retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas
sabe mortos enterrar?
(MELO NETO, 1994 P.39).

Neste trecho é possível perceber que as orações puxadas pelas carpideiras ou cantadeiras também poderiam ser entoadas pela figura masculina, conforme Guerra Peixe:

CANTADA EM VOLTA do morto, que é deitado numa mesa, táboa ou mesmo porta eventualmente colocada para êsse fim, a Reza-de-

Defunto obedece a uma liturgia espontânea e severa. Atende-se inicialmente para o seguinte quadro: os pés do morto ficam voltados para a porta da rua; em torno dêle, acendem-se quatro velas em forma de cruz, uma à cabeça, outra aos pés e uma de cada lado, à altura dos braços; o rezadô ou rezadêra se coloca aos pés do extinto; e as sentinelas - ou melhor, o pessoal que canta em côro – fazem o círculo.

Durante o tempo inteiro da cantoria - as interrupções não devem ser prolongadas, para não dar margem a qua o cão se aproxime para trazer malefícios - o pessoal se serve de bolacha, café e aguardente oferecidos pela família do morto, mas que pode ter sido a contribuição de vizinhos e amigos. Aliás, serve-se sem no entanto alterar os preceitos concernentes ao mundo da rezas. Em princípio, todos devem cantar, mas quem não canta costuma passar o tempo conversando sôbre os assuntos mais variados e até cômicos, pois a reunião apesar da gravidade do acontecimento deixa todos à vontade. (Guerra Peixe, 1968 p. 238).

Partindo da análise de Guerra Peixe, que aponta a realização do velório como um momento importante para as comunidades, pois se trata de uma situação na qual as pessoas se encontravam para discutir várias questões relativas ao dia-a-dia; também é importante salientar que a realização do funeral é para estas e muitas outras sociedades o momento de encontros entre familiares que por vários motivos não podem se visitar com frequência. Assim podemos pensar que o velório no século XX, “assumiu” o sentido de cemitério medieval, no qual as pessoas dialogavam sobre varias questões ao saírem da missa, e ou enterros como afirma Àries em seus estudos acerca da morte.

2.3 - Os ritos de acompanhamento e de ajudar a morrer.

A prática de ajudar a morrer é exercida por pessoas que se dedicam ao ritual de fazer quarto, algumas por caridade, outras por prazer dedicam-se a acompanhar o moribundo desde sua agonia até o ultimo suspiro. Esta pessoa passa várias noites fazendo guarda para que o moribundo não morra sem a vela acesa na mão, pois pela tradição caso mesmo venha a falecer sem a vela não havia a salvação; em seguida há um desejo de louvor para que a alma seja aceita no céu. No bendito de ajudar a morrer todo o ritual deve-se a preparação da alma uma vez que a morte mata de repente cabe a esta reza preparar a transição, pois o mesmo ainda está agonizante como sugere a última estrofe.

Bendito de ajudar a morrer.

Pecadô repara
Que hás de morrê,
Chama por Jesus
Que ele há de valê.

Chama por Jesus
Enquanto é tempo,
Quando a morte chega
Mata de repente.

Quando a morte chega
Calada sozinha
Dizendo consigo:
Esta alma é minha.

Não conhece os teus
Que contigo estão
Com ânsia tão grande
No teu coração?

Mudando de cores,
O sangue fingindo,
Nesta mesma ânsia
Estás te indo e vindo. (CÉSAR, 1975, p.187).

No caso de Severino, o poema deixa claro o fato de o personagem ter acompanhado diversos enterros na serra, indicio de que a tradição era transmitida de forma oral. Tendo em vista que na época a educação escolar era para poucas pessoas.

- já velei muitos defuntos,
na serra é coisa vulgar;
mas nunca aprendi as rezas,
sei somente acompanhar.
- Pois se o compadre soubesse
rezar o mesmo cantar,
trabalhávamos as meias,
que a freguesia bem dá. (MELO NETO, 1994, p.39).

Em seguida a reza segue-se o bendito á São Pedro que é uma súplica para que a alma seja aceita no céu. Interessante ressaltar que as rezas são acompanhadas pelas demais pessoas que acompanham o velório.

Bendito de Senhor São Pedro:

Meu sinhô seu Pedro
Chaverô do céu
Vós nos abra a porta
Que eu não sou Herege.

Aqui chegô uma alma
Nas portas do céu
Vós nos abra a porta
Pelo Santo Véu.

Vós nos abra a porta
Amanhã bem cedo,
Que eu quero ir pro céu
Mais sinhô São Pedro.

Vós nos abra a porta
Pelo Bom Jesus
Eu quero ir pro céu
Mais a Santa Cruz.

Vós nos abra a porta
Abra sem temo,
Que eu quero ir pro céu
Mais nosso Sinhô

Vós nos abra a porta
Abra sem demora
Que eu quero ir pro céu
Cum nossa Senhora. (CÉSAR, 1975, p.188)

Nota-se que na primeira estrofe, há a afirmação de o mesmo não ser herege, fica evidente que dentro das suas concepções religiosas, estes povos praticam sua religiosidade de certa forma distanciando-se do modelo católico da igreja Românica, uma vez que as pessoas mais pobres não tinham condições de arcar com as despesas do ritual fúnebre imposto pela igreja, portanto, há à súplica a São Pedro para que ele possibilite a entrada desta alma e que esta possa estar ao seu lado e Nossa Senhora. Após a constatação da morte e dos rituais de bem morrer, segue-se a preparação do corpo, a partir daí, o cadáver vai ser amortalhado, as pessoas incumbidas desta preparação a executam entoando a seguinte bendita.

Veste esta mortalha
Quem mandô foi Deus;
Quem mandô visti
Foi a mãe de Deus.

Amarre este cordão
 Quem mandô foi Deus;
 Quem mandô marrá
 Foi a mãe de Deus.

Bota este capuz,
 Quem mandô foi Deus;
 Quem mandô buscá
 Foi a mãe de Deus.

Calce este sapato
 Quem mandô foi Deus;
 Quem mandô calçá
 Foi a mãe de Deus

Bota no caixão (rede)
 Quem mando foi Deus;
 Quem mando botá
 Foi a mãe de Deus. (CÉSAR, 1975 P.189)

Como afirma Getulio César, no momento de amortilhar o defunto a cada peça que era posta no mesmo as cantadeiras cantavam a rima que cabia a peça a ser vestida. A mortalha é a vestimenta fúnebre parecida com uma túnica. Geralmente o traje era feito em casa e a cor era branca. O uso da mortalha branca cresce à medida que nos afastamos dos brancos. Esse tipo de mortalha era tanto mais usada quanto mais africano fosse o morto. (REIS, 1991, p.126). Essa afirmação em relação a negros é trabalhada por Reis na Bahia, onde as pessoas mais pobres usavam o tecido branco de algodão pelo fato deste ser mais acessível às classes menos abastadas. Em relação a Pernambuco este tipo de tecido era muito usado, uma vês que como o próprio poema *morte e vida Severina* enfatiza, as condições do sertanejo se enquadram no uso desta vestimenta.

O cordão bento amarrado na cintura por cima da amortilha, tem a função de fazer com que o corpo tivesse uma proteção ao ser enterrado, para que os espíritos maus não viessem a perturba-lo. Nota-se aí que há todo um cuidado com o corpo após os cuidados da alma. Além de se preparar a alma para o “além”, eles têm a necessidade de manter um corpo livre do “mau”.

Em algumas ocasiões, dependendo das condições financeiras eram incrementados outros trajes como os sapatos, o capuz quanto mais posses a família dispunha mais pompa tinha a cerimônia. A partir da preparação o corpo é transferido para a sala onde as excelências passam a ser entoadas durante o velório.

Uma incelença que Nossa Senhora deu a nosso sinhô
Essa incelença é de grande valô.

Já é uma hora, os anjos vinhero te vê
E ele vai, e ele vai, e ele vai também com você.

Uma incelença que nos deu senhô Deus
Sinhora da graça livrai-me da peste. Ave Maria.

Uma incelença á virge da Conceição
Deus não permita que eu morra sem confiçãõ.

Uma incelença da estrela matrona;
Galho de alecrim, rosa Mangerona.

De portas em portas, de ruas em ruas
Meu Deus padecendo sem culpa nenhuma. (VALENTE, 1979, p.41).

Na oração é possível perceber os cuidados com a alma, pois na terceira e quarta estrofe, há o cuidado em relação ao acompanhamento da mesma, para que ela não vá sozinha para o céu, cabendo aos anjos que descem a incumbência de acompanhá-la para o além; as estrofes do segundo verso demonstram o medo de morrer sem preparo religioso necessitando de súplicas atentando que não se morra sem confissão³. A ultima estrofe caracteriza bem o medo de que a alma padeça nas ruas de porta em porta mesmo sem culpa nenhuma.

O cerimonial segue pela noite inteira, é servido um banquete e as pessoas passam a noite regadas a café, bolacha aguardentes e cigarros, sendo que na prosa noturna são discutidos diversos assuntos e histórias regionais como estórias de valentões da vaquejada, tratam de negócios e de acordo com Getúlio César contratam adjuntos⁴ para limpar roçados por exemplo.

Conforme Guerra Peixe:

³ A confissão tem o objetivo de remissão dos pecados, neste momento o moribundo agonizante é ouvido por um sacerdote que lhe dá o perdão de seus pecados possibilitando que este fique isento de suas culpas, podendo ir para os céus.

⁴ O contrato adjunto mais conhecido como djunte, consiste numa empreitada onde há a reunião de todos os homens de uma determinada região para executar um dia ou mais de trabalho na propriedade de outro sem remuneração tendo em vista apenas o banquete na hora do almoço como pagamento pelos serviços prestados.

“O principal é a cachaça”, dizem. Pois “se não der, ninguém reza”. Os eventuais aproveitadores e incorrigíveis paus-d’águas se valem da oportunidade e abusam da pinga, resultando dessa liberdade, levada ao exagêro grossa pancadaria, enquanto a cantoria prossegue impertubável. (GUERRA PEIXE, 1968, p. 240).

Excelença entoada para criança

Quem partiu não volta mais,
Vai viver no paraíso.
Digo adeus papai, adeus.
Até o dia do juízo. (CÉSAR, 1975, p.191).

De acordo com este autor esta excelência envolve todos os parentes do morto na parte que diz: diga adeus mamãe, adeus vovó, titio, maninho e toda a família, fica explícito que há a idéia de que a criança vai especificamente viver no paraíso, então se despede de todos e os aguardara até o dia do juízo. Como a criança é desprovida de pecados, não há a necessidade de confissão, pois se acreditava que estes se tornariam anjinhos após a morte, vindo, portanto a morar no céu. A despedida então traz a alusão de que estes só vão se ver no dia do juízo final.

Após todo o ritual fúnebre, chega o momento do sepultamento, as cantadeiras seguem o cortejo entoando as excelências de despedida. Este é o momento final e é acompanhado de todos que estão na sentinela, que revezam trocando de posições para carregar o caixão ou rede até o cemitério.

Lá vem uma alma,
Pisando no chão
Vai dizendo à outra:
Ou que buracão.

Esse buracão
É a sepultura;
Essa terra fria
É a cobertura.

Uma incelença
Que nos deu no paraíso
Adeus, irmão, adeus
Até o dia de juízo. (CÉSAR, 1975, p.191).

Esta excelência de acordo com Getúlio César tem o objetivo de preparar o defunto para conhecer o seu estado de morto que esta pisando no chão a caminho da sepultura e que sua condição daí por diante é permanecer aí até o dia do Juízo. Após o sepultamento para garantir que a alma permaneça afastada deste imaginário faz-se novos rituais como missas de encomendações das almas do purgatório, velas de sete dias são queimadas etc. Outro exemplo de Excelência da despedida:

Rezadêra "Adeus minha mãe

Qui eu vô-m'imbora

Adeus minha mãe

Qui eu vô-m'imbora

Sentinelas- M'intrega à Deus

E à Nossa Senhora

M'integra a Deus

E à Nossa Senhora

Rezadêra- Adeus meu pai", etc. (GUERRA. Peixe, p. 254)

Conforme o autor afirma a palavra mãe vai sendo substituída pelo nome de outros familiares como também pode ser substituída pelo nome de alguns amigos e ou vizinhos. Ao pensar nestes ritos é importante ressaltar que após o sepultamento ainda há a existência de outros ritos que tem o objetivo de garantir a salvação da alma como a queima de velas durante sete dias consecutivos, missa de sétimo dia, de ano, dentre outros ritos.

3 CONSIDERAÇÕES

O estudo da atitude dos vivos em relação à morte é algo de difícil abrangência tendo em vista que cada sociedade possui formas peculiares ao lidar com o ato do falecimento. Pensar na questão da vida após a morte é um dos fatores que leva as pessoas a refletirem e tomarem algumas atitudes em vida. Partindo desta questão que envolve as diversas sociedades humanas, este trabalho buscou propor uma reflexão acerca dos ritos fúnebres a fim de compreender as relações estabelecidas entre morte e vida.

Nos estudos acerca do período medieval a doutrina cristã colocou a morte como finalidade, o caminho para o céu. Neste sentido, os estudiosos apontam que para o homem deste período morrer era tanto quanto ou até mesmo mais importante que viver, sendo que a finalidade era obter a salvação da alma. Morte e vida são “espetáculos” que acontecem em casa; tanto no Brasil da década de 50 do século XX, quanto na Europa medieval, o nascer era realizado através do auxílio das parteiras e o morrer era acompanhado desde a agonia inicial até a hora do sepultamento. Assim é perceptível uma mudança: não se morre mais em casa, mas nos hospitais embora algumas pessoas expressem o desejo de falecer no lar, como também o nascimento já não é mais em casa e sim na maternidade.

Em relação aos estudos da morte no nordeste a partir do poema de Melo Neto, o trabalho apresenta questões importantes para se pensar a conjuntura política e econômica da época sendo que por meio do poema ficam nítidas questões que revelam o contexto sociocultural. Em relação à morte o personagem Severino deixa claro o sentimento de irmandade das almas, iguais na vida e na morte, nele fica evidente a finalidade dos ritos que é a de preparar a alma para a outra vida.

Faz-se importante salientar que a produção historiográfica que aborda a morte como objeto de estudo surge devido à ampliação do campo de estudo iniciado pela escola dos *Annales*. Àries em seus estudos: *A História da Morte no Ocidente* (2003) e o *Homem diante da Morte* (1989) foi um dos precursores ao abordar o tema na Europa medieval; no Brasil o trabalho de Reis, *A morte é uma Festa* (1991), inaugurou essa temática.

A produção do poema de João Cabral de Melo Neto ocorreu em um momento importante para a produção literária do País, pois aconteceu em meio às discussões que envolvem o estudo e a inserção dos “outros atores sociais” na

história e na literatura, sendo fatores necessários para construir uma nação na qual o “outro” se veja inserido.

Na realização do trabalho surgiram diversas questões, muitas delas surgem a cada leitura, mas num primeiro momento duas parecem de grande significação e merecem serem estudadas em outra ocasião tendo em vista que não se enquadram no objetivo deste trabalho. Primeiro investigar o público a que se destinava a poesia de João Cabral de Melo Neto a fim de detectar qual era a sua recepção e como o “outro” se via já que não era o povo quem falava, mas sim uma pessoa da elite que por meio do personagem falava pelo povo. Segundo é de grande importância investigar as práticas fúnebres nos dias atuais a fim de perceber permanências, e ou adaptações dessa religiosidade nordestina que se disseminou pelo Brasil no pós 1950, devido aos grandes fluxos migratórios.

4 GLOSSÁRIO

Ajudamento - ato de se acompanhar o moribundo e ajudá-lo a morrer.

Anjo, Anjinha, Anjim – na crença popular conforme os folcloristas, refere-se às crianças que morreram antes de serem batizadas.

Bindito, Bindi – bendito.

Barra do dia - luz que desponta ao fim da madrugada.

Carneiras – as carneiras são as valas que havia fora da igreja e eram destinadas aos sepultamentos que eram realizadas em períodos de grande mortalidade na Europa por exemplo.

Cão – o mesmo que o diabo.

Cordão - cordão de são Francisco em geral era amarrado na mortalha na altura da cintura.

Defumação- ato de defumar a casa com ervas um dos objetivos era o de espantar os maus espíritos.

Demui – o Demônio o diabo é o mesmo que Cão.

Direta, Direto. reza cantada sem interrupção; modo de cantar, sem solista.

Dispidida- despedida.

Deo, Deu – o mesmo que Deus.

Encontro... passagem de um enterro por outro.

Encelência, Encelença, Incelença, Ensalência, Ensalença, Insalência, Insalença ---. É o próprio morto e a espécie de reza, na maioria cantada doze vezes.

Exéquias - são os ritos fúnebres

Fazer Sala - velar pelo morto é o mesmo que fazer quarto.

Fuerara- funeral.

Leve... corpo leve, sem pecado, limpo.

Pecadô - pecador. Aquele maior que sete anos de idade que vem a falecer sem o batismo.

Puxar- conduzir as rezas.

Puxadô – puxador, quem lidera as rezas.

Puxamento- o mesmo que ajudamento.

Rezadêra- Rezadeira, mulher que conhece e prática Reza-de-Defunto, comandando as sentinelas: Rezadô ou Rezadêro.

Rezêra- curandeira.

Sentinelas- grupo de rezadeiras, especialmente as que cantam. O termo designa também o grupo de pessoas que acompanha o velório. Pode –se também chamar o velório de Sentinela.

5 REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. ed. Rio de Janeiro: Ed, Ediouro, 2003. 312 p.

_____. **O Homem diante da morte**. ed. Rio de Janeiro: Ed, Martins Fontes, 1989. Vol. 2.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. ed. Rio de Janeiro: Ed, Jorge Zahar, 2004. 109 p.

CÉSAR, Getúlio. **Crendices suas Origens e Classificação**. ed. Rio de Janeiro: Edição patrocinada pelo Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos culturais. 1975. 278 p.

DE CERTEAU, Michel. **A cultura no Plural**. ed. Lisboa: Ed. Estampa, 1974. 253 p.

GUERRA PEIXE, Cesar. **Rezas-de-Defunto**. In: Revista Brasileira de Folclore. Vol.08, nº 22. Ministério da Educação e Cultura. 1968. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=\\Acervo01\drive_r\Trbs\RevBrFolclo\RevBrFolclo.DocPro&pasta=&pesq=ano%207,%20n%C2%BA%2022,%20sete mbro/dezembro%20de%201968. Acessado em 25/05/2012.

MEYER, Marlyse. **Mortes Severinas** in: Caminhos do Imaginário no Brasil. Edusp. SP, 1993. p. 109 – 138.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e vida Severina, e outros poemas para vozes**. 34ªed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1994. p. 27 – 60.

PEREIRA, Célia Marcia. **A Representação Social em Morte e Vida Severina**. ed. Juiz de Fora: Ed:(CESJF) Centro de Ensino Superior. 2011. 99 F. Dissertação (Mestrado em Letras). Disponível em: <http://letras.cesjf.br/node/22464>. Acessado em 14/ 11/2012.

REIS, João José. **A morte é uma festa Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do séc. XIX** ed. São Paulo: Ed. Cia das letras, 1991. 357 p.

VALENTE, Waldemar. **Folclore brasileiro**. ed. Pernambuco: Ed. Funarte, 1979. 94. p.

